CINCO RECOMENDAÇÕES

Há novidades no crescente campo dos Direitos Humanos do Brasil.

Os testemunhos do Terror de Estado de outrora estão vindo a publico para nos espetar nos dias de hoje. Isto se tornou possível pelo aumento global do ativismo neste campo, mas também pela confluência com as elaborações que vem à luz desde o campo da cultura e da arte.

É o caso do Documentário “Soldados do Araguaia”, que se embrenha, literalmente, nas partes mais sombrias da selva e de uma história ainda recente.

Constatando o alto impacto que provoca sua exposição nos mais diversos públicos, e com o intuito de contribuir na necessária co-elaboração desta dura tomada de consciência, decidi encaminhar minha intervenção de maneira que signifique uma aportação a partir do que temos de mais específico na nossa labor clínico política.

Vou logo apontando: aquilo que temos de mais especifico na nossa Clínica do Testemunho é nosso especial conhecimento baseado na escuta de centenas de afetados pela violência de Estado durante anos.

Decidi, então, sintetizar algumas recomendações. Elas podem ser entendidas como conselhos para poder ouvir -- e melhor ouvir -- o testemunho do terror.

Esta é a hora certa.

Podem ser enunciadas da seguinte maneira:

1ª recomendação: considere que o primeiro grande impacto que o documentário provoca é porque coloca na sua cara e nos seus ouvidos coisas que são da ordem do inexplicável, do inimaginável e do inacreditável. Recuse as explicações mais imediatas que vão lhe acudir para tira-lo do sufoco. Mesmo que pareça difícil, confie em que a compreensão mais plena – mais não-toda – virá em sucessivas ondas ao longo do tempo. O primeiro choque que o documentário provoca é justamente na compreensão. Como compreender quando toda razão civilizatória rui diante do ódio exterminador? Confie que aquilo que você acaba de ver e ouvir e ‘não pode ser falado’ porque ‘não tem nome’... é algo que em algum outro momento terá forma de ser nomeado. Confie nisso: se precisa fechar os olhos diante de certas cenas... depois poderá abri-los.

2ª recomendação: considere que a linguagem cinematográfica elaborada no documentário é muito bem sucedida na sua árdua tarefa de oferecer uma narrativa para aquilo que é o ‘inenarrável do terror’. Por tanto, você será quase que ‘forçado’ a revê-lo algumas vezes depois do primeiro impacto. É provável que certas cenas do filme voltem “do nada”, à cabeça. Não as rejeite sem interroga-las. Elas vem para produzir novos sentidos. Lembrar que estamos diante de testemunhos únicos, os mais hermeticamente silenciados que se possa ter notícia. Só pode ser algo muito temível para ser silenciado durante décadas, certamente, mas, precisamos admitir que as testemunhas ainda estão aí para falar. É urgente ouvi-las.

3ª recomendação: para manter esta nova produção de sentido suficientemente aberta e não se fechar de vez, é necessário escutar os outros sobre isto, uma e outra vez. Admitamos que estamos em um momento em que a escuta do outro é um artigo raro, mas é indispensável para elaborar certos choques de verdade histórica, como é o nosso caso. O indivíduo, por si só, seria incapaz de elaborar o testemunho e as imagens do Terror.

4ª recomendação: nunca esquecer que o terror de que falamos é o Terror de Estado, único que pode ferir direitos fundamentais, diferente de qualquer outra violência que se chame de terrorismo.

Independentemente se seus agentes são civis ou militares... organizados ou não. Independentemente se suas vítimas são perseguidos políticos ou não, como é o contundente caso dos Soldados, que não se encaixa no quadro clássico de ‘perseguido político’. Pela mesmo paradoxo, relatam o caso institucional de tortura ‘pura’, isto é, sem fins de obter informação.

5ª e ultima recomendação, talvez a mais óbvia: para melhor aproveitar os “Soldados do Araguaia” olhe no seu entorno de todos os dias. Os soldados, de ontem e hoje, nos ensinam a diferenciar a violência-contra-a-segurança-pública de hoje, da violência do estado de exceção, ontem e hoje. Exercida em “nichos” de exceção ou de forma institucional, usando da prerrogativa do monopólio estatal da violência “democrática”.

Hoje vemos uma espécie de exceção territorializada principalmente nas favelas, em nome da Segurança Pública e para eliminar os bandidos (seja lá o que isto queira dizer), assim como na época dos Soldados era em nome da Segurança Nacional e para exterminar o inimigo comunista, do qual eles nunca tinham ouvido falar. De repente, no meio da vida na selva, irrompe o Apocalipse, na sua versão mais terrível, longe do glamour da versão hollywoodiana do inferno na selva asiática, e mais próximo dos campos de concentração nazistas. Lembrar que Primo Levi, o mais célebre testemunho dos campos, declarava que vivia com o pesadelo de “não ser ouvido no seu testemunho”, atormentado por algo intransmissível. Se você conseguir ouvir e transmitir, você poderá dar testemunho do testemunho. Isto é o mais próximo que podemos considerar do que se pode se chamar de “cura clínico política”.

Certamente nossas “recomendações” são puramente retóricas, mas nos sentimos habilitados a formula-las porque aprendemos muito com a Clínica do Testemunho durante os últimos anos, e queremos somar-nos à arte do cinema na mesma intenção de vir a público.

Falando – a pesar de tudo - da atualidade de nosso grande campo dos Diretos Humanos, devemos notar que ainda não sofreu os grandes ataques que já sofreu em outros pós-golpes, e que isto pode ser atribuído a um crescimento do ativismo no nosso campo, em tempos de decadência das práticas políticas tal como a conhecemos. Como dizíamos, mas também temos que notar que nosso projeto de reparação que estava destinado a se transformar em uma política pública, esta sofrendo com aquela fatídica arma da burocracia estatal que, para neutralizar qualquer efeito que seja, desidrata e congela os projetos públicos que não tem uma serventia imediata de poder.

Às pessoas do mundo do cinema, das artes e da cultura, lhes pedimos que nos acompanhem para desaguarmos no mesmo oceano.

Eduardo Losicer

Psicanalista e Analista Institucional

Argentino-brasileiro

CLÍNICA DO TESTEMUNHO DO RIO DE JANEIRO

Março/2018